Pesquisa ecológica nas gravuras de Krajcberg

Há quase 30 anos, Frans Krajcberg trocou o antigo e acanhado ateliê em Montparnasse, Paris, pelo sertão brasileiro. Para conviver com raízes, pedras, madeira, terra de várias colorações e realizar uma espécie de testemunho ecológico, permeado por seus conhecimentos plásticos. Aos 60 anos (completados na semana passada), o artista volta ao circuito paulista com um trabalho inédito: nove gravuras coloridas em relevo e uma escultura de raízes, na galeria Skultura (alameda Lorena, 1593)

O trabalho, inspirado na folha de imbaúba, planta originária de Minas Gerais, é feito em papel japonês (dez peças para cada gravura) e recebe diferentes cores que vão do ocre ao marrom, pintado com terra natural do sertão de Minas, além do vermelho, verde, preto (extraído da cor natural do manganês) e branco, o único tom que teve tiragem de dez. A delicadeza dessas peças contrasta com a sua forte assinatura, sangrada a ferro e fogo.

Krajcberg, junto com Hajdu, foi um dos pioneiros da gravura em relevo. Esse trabalho começou a ser feito quando ele ainda morava em Paris. Braque era um dos amigos mais entusiasmados com essa pesquisa. Agora que um dos seus últimos trabalhos foi uma gravura mesclada de relevos, inspirada no trabalho de Krajcberg. Hoje, este quadro, que tem o título "Uma Homenagem a Krajcberg", se encontra em lugar de destaque no Museu de Arte Moderna de Paris.

A pesquisa naturalista de Krajcberg sempre foi divorciada de qualquer movimento artístico internacional. Por isso mesmo, na década de 50, ela foi duramente marginalizada pela crítica de arte do País. "Tudo o que estava fora dos modismos dos grandes centros era literalmente desconsiderado". Foi na época das primeiras bienais paulistas, das primeiras experiências construtivistas no Brasil que Krajcberg voltou à Europa com um prêmio da IV bienal de São Paulo maior pintor. "Entrei em Paris no auge do tachismo, mas nem por isso meu trabalho foi rejeitado pela crítica francesa. Participei ativamente da Escola de Paris", realizei várias mostras na galeria **Vingtième Siècle**, com a qual chegou a assinar um contrato de exclusividade. Sem mostrar ressentimento, Krajcberg lembra que só depois de sua exposição no Centro de Arte Moderna em 1977, a qua ocupou duas salas, sempre lotadas, é que a crítica nacional o reconheceu. "Além do sucesso de público, a mostra do **Beaubourg** recebeu críticas elogiosas, sempre ressaltando o aspecto ecológico da minha pesquisa. Com isso, a direção do Centro resolveu prorrogá-la por mais um mês. Logo depois essa mostra percorreu os principais museus franceses". Só após esse reconhecimento é que Krajcberg começou a acreditar no seu trabalho, que hoje figura no acervo de importantes galerias e museus europeus e norte-americanos.

Nos trabalhos de Krajcberg, um reencontro à mãe natureza

Kuperman volta a SP

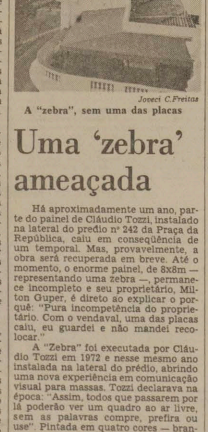
Seu elemento, a luz. O motivo, a paisagem. Sobre a tela, porém, o abstrato, "em que se vai penetrando até se abstrair o que move o meu argumento". Claudio Kuperman está de volta. Filho pródigo da capital paulista, onde realizou a última exposição em 1968, decidiu agora retornar à "boa casa", inaugurando hoje, às 21 horas, uma mostra de 17 quadros na Ricardo Camargo Marchand (r. Alemanha, 823).

Sua ausência, no entanto, não pode ser entendida como um simples abandono. A sede de novas experiências, a empolgação, sobretudo diante do que se fazia lá fora, levou-o a Europa, onde viveu bons anos. Mais que isso, envolveu-o em experimentalismos que hoje ele questiona. Kuperman chega a recordar suas esculturas de enormes dimensões, ao final da década de 60, "produto de um envolvimento com a praxis à cultural de outros povos, mas eu creio que já esgotei essa fase conceitual".

Nessa exposição em São Paulo, Kuperman, que está radicado no Rio desde 73, quando voltou de sua peregrinação pelo Velho Mundo, reuniu cinco telas da fase "Petrópolis". "Abstratas também, mas que estão vivas graças à paisagem urbana e campestre que me inspiraram em 78/77, nessa cidade, que me devolveu à natureza brasileira." Dessa nova fase, em que Petrópolis é apenas um item, Kuperman já recebeu os dividendos esperados. Numa exposição em Londres, suas telas foram elogiadas e a crítica percebeu, por trás das pinceladas abstratas e minadas de sol, paisagens exóticas e marinhas inusitadas. Parte desses trabalhos mostrados em Londres compõe a individual do artista em São Paulo, cidade de origem que também abrigará seu novo ateliê.

Professor de artes plásticas no Rio, apreciador quase fanático do poeta Rainer-Maria Rilke, Kuperman defende que tanto artistas como autoridades e intelectuais devem lutar para sedimentar a identidade cultural do povo brasileiro. "Os norte-americanos conseguiram isso. Nós somos réquisitamos culturalmente, desde o folclore à arte erudita. Mas ainda olhamos para fora com olhos ávidos, pensando que é lá que as coisas acontecem. Elas estão aqui, à nossa volta. Não quer dizer que nos devamos fechar em nós mesmos. Mas ficar a reboque de norte-americanos e europeus só contribuirá para desfigurar de vez essa identidade ainda existente, apesar de muitas vezes ignorada."

Kuperman: arte menos cerebral



Joveci C.Prestes

A "zebra", sem uma das placas

Uma 'zebra' ameaçada

Há aproximadamente um ano, parte do painel de Cláudio Tozzi, instalado na lateral do predio nº 242 da Praça da República, caiu em consequência de um temporal. Mas, provavelmente, a obra será recuperada em breve. Até o momento, o enorme painel, de 8x8m — representando uma zebra —, permanece incompleto e seu proprietário, Milton Guper, é direto ao explicar o porquê: "Pura incompetência do proprietário. Com o vendaval, uma das placas caiu, eu guardei e não mandei recolocar."

A "Zebra" foi executada por Cláudio Tozzi em 1972 e nesse mesmo ano instalada na lateral do prédio, abrindo uma nova experiência em comunicação visual para massas. Tozzi declarava na época: "Assim, todos que passarem por lá poderão ver um quadro ao ar livre, sem as palavras compre, prefira ou use". Pintada em quatro cores — branca, preta, azul e verde —, em placas de zinco de 2mX2m, com tinta à base de poliuretano e esmalte sintético, a "Zebra" era um presente de Tozzi à cidade. Mas não foi fácil encontrar lugar para ela. "As laterais dos prédios destinam-se à publicidade — lembra o pintor — e sempre havia todo um problema burocrático a enfrentar na Prefeitura. Então, o Milton Guper, proprietário do último andar desse prédio na República, decidiu comprá-la".

Milton Guper, na verdade, gostaria de transferir a obra para outro local de maior movimento, como uma estrada do tipo da Raposo Tavares. Entretanto, diante do desagrado do autor — "a obra já faz parte da cidade" —, ele promete deixá-la ali mesmo. Talvez, quando for concluído o projeto palasgástico do Metrô na Praça da República, o painel passe a ocupar um espaço mais visível aos transeuntes.

Agora só falta Guper entrar em entendimentos com Emílio Novelli, que instalou o painel no prédio, há nove anos. Embora a placa não tenha sofrido qualquer dano, Novelli adverte que será necessário retirar o painel inteiro, aplicar novos caixilhos de madeira e recolocar as chapas, o que implica em danificar a obra. "Ao retirar os pregos, as chapas sofrerão algum dano. Além disso, houve alteração de cor no painel que ficou instalado durante este último ano e será necessário uma nova pintura. Mas esse processo todo poderá ser resolvido em apenas uma semana."

Artes Visuais

ARTE TRIBAL AFRICANA — Mais de 40 peças provenientes do Mali, Nigéria, Ghana, Costa do Marfim e Alto Volta integram a exposição que a Arte Aplicada (rua Haddock Lobo, 1406) dedica à arte africana, até o dia 20 de junho. Máscaras, esculturas, utensílios e amuletos — das tribos bambara, dogon, kom, ogoni, afikpo, yoruba, ibibio, baule, gala, yauré, guro, senufo, bobo fing, mosi, ashanti e fanti — em madeira, além de uma peça em bronze, estão na mostra, em horário comercial.

QUATRO ARTISTAS CONTEMPORÂNEOS é o nome da mostra coletiva que a Lanto Galeria de Arte (av. Brigadeiro Faria Lima, 1684) inaugura hoje, às 21 horas. Parte de seu acervo, esta exposição reúne H. Flammoglio, Lothar Charoux, Morant Pelé e Tomie Ohtake. Foi especialmente editada para esta coletiva uma serigrafia de Lothar Charoux, com 30 exemplares, que serão vendidos a cinco mil cruzeiros cada. A mostra pode ser vista até 3 de julho.

FERNANDO ODRIOZOLA — A Trilha Galeria de Arte (av. Europa, 633) realiza de hoje, às 21 horas, até 27 de junho, a mostra individual de 28 obras de Fernando Odriozola. De acordo com o crítico Fabio Rolim, a arte de Odriozola reflete "toda a angústia de seu tempo, existindo num espaço imponderável e enigmático... como nas inquietações cotidianas".

PORTAS E JANELAS — Explorar a fotografia com a utilização de recursos gráficos. Esse é o objetivo do trabalho que Roberto Guedes, arquiteto paraibano de 28 anos, mostra até 20 de junho na Galeria da Buca (av. Angélica, 2491). "Portas e Janelas", um álbum com nove serigrafias, por sua vez, é o resultado dessa pesquisa de Roberto Guedes, e também poderá ser encontrado durante a exposição.

BALOEIROS — A arte dos "baloeiros" está exposta até 28 de junho na Casa das Rosas (r. das Figueiras, 71), uma ampla mostra criada pela Secretaria Municipal de Cultura, através do Idart, a exposição dos baloeiros de São João consta de cerca de 50 painéis com textos mostrando a fabricação deles, sua solitária, os balões "hurdecos" (como o não sobe no Rio em 1979). Há, ainda, 12 balões expostos e inflados como se fossem soltar, através de um filme entrecortado sobre a arte dos baloeiros, exibido sempre às 15h30 dos domingos.

PINACOTECA — Por motivo de dedetização para erradicar agentes nocivos, a Pinacoteca do Estado permanecerá fechada ao público até 30 de junho. Esse tratamento, que visa proteger as instalações e o acervo do museu, está sendo realizado pelo Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Todas as atividades, portanto, estão suspensas, exceto as administrativas.

CARTAZES — Em sete painéis de 90 por 140 centímetros, seis desenhistas mostram seus melhores cartazes no Bar Velha Borba Gato (r. Virgílio de Carvalho Pinto, 605, Pinheiros). Do trabalho como ilustradores ou chargistas, na imprensa, o grupo parte para esta coletiva, surgida da idéia de se ocupar um espaço em branco. São estes os desenhistas, cujos cartazes podem ser vistos até 15 de junho: Paulo Caruso, Alcy, Luiz Carneiro, Jota, Martinez, Jayme Leão e Agostinho Gosf.

NAÏFS — Dez artistas naïfs brasileiros mostram suas telas a partir de hoje, às 21 horas, na Galeria Jacques Ardies (r. do Livramento, 221). A coletiva, que pode ser visitada até 30 de junho, conta com Silvia de Leva Chaires, Elza de Oliveira Sousa, Theresa Carvalho, Neuton de Andrade, Fernando V da Silva, Dila, Ivonaldo, Nelson Porto, Rodolpho Tamanini Neto e Francisco Severino.

TUNGA — As esculturas e os desenhos do artista plástico Tunga, utilizando materiais diversos como a borracha, feltro, cobre, papel rústico, podem ser apreciados de hoje, às 21 horas, até 10 de junho no Gabinete de Arte (av. 9 de Julho), 5719. Cada obra remete ao projeto geral do trabalho, mas este não existe fora dela, nem compõe um sistema organizado.

LABARROS — 20 trabalhos em tapeçaria compõem a exposição de Labarros que tem como tema os pássaros. A mostra está até o fim do mês no pavilhão da Bienal, no Ibirapuera, sempre de segunda a sábado, das 14 às 19 horas.

PORTINARI, DI CAVALCANTI, VOLPI, CARIBÉ e ALDEMIR MARTINS — são alguns dos artistas que participam da exposição coletiva de A Galeria (rua Haddock Lobo, 111). De segunda a sexta-feira das 11 às 22 horas e aos sábados, das 11 às 18 horas. Até dia 30.

BRASIL/CUIABÁ/PINTURA CABOCLA — Cinco artistas e 125 trabalhos compõem um panorama de arte de Mato Grosso, uma arte engajada e que fala sobretudo de sua terra. Os artistas são Humberto Espindola, João Sebastião Costa, Dalva Maria de Barros, Adir Sodré, Gervásio de Paula, Benedito Nunes, Nilson Pimenta e Alcides Pereira dos Santos, todos autodidatas. No Museu de Arte Moderna — parque Ibirapuera — até 28 de junho. De terça a sexta-feiras, das 14 às 19 horas.

COMO SE ILUSTRA UM LIVRO — Desenho do ciclo da Obra-Prima do Mapa, no Centro Campestre do Sesc (Av. das Jabuticabeiras, 1300). São 45 trabalhos de autoria de Belmonti e pertencentes ao Mirante das Artes. Paralelamente, no mesmo local, a II Mostra de Quadrinhos. Vistas de terça a domingo, das 9 às 19 horas. Até 21 de junho.

AQUARELAS DE TAKAOKA — Dentro do Ciclo de Exposições sobre "Momentos da Pintura Paulista", o Museu Lasar Segall (rua Afonso Celso, 362/381) mostra as aquarelas do mestre Takaoka, realizadas em vários períodos. A exposição fica aberta ao público de terça a sexta-feira e domingo, das 14h30 às 18h30, e aos sábados, das 14h30 às 20h30. Até 28 de junho.

ADÉLIO SARRO — O artista mostra suas pinturas na Galeria de Arte do Clube Português (rua Turiassu, 79), diariamente — exceto segundas-feiras, das 14 às 22 horas. Até 7 de junho.

ISON — Um artista de 23 anos que pinta desde os quatro, sem nunca ter cursado uma escola de artes plásticas, mostra seus 16 trabalhos na Humaitá Molduras Ltda. (rua da Consolação, 3.031). Os trabalhos são em óleo sobre papel impermeável, que "expressam o realismo fantástico e o surrealismo". Visitas no horário comercial, até o final de junho.

JAIR GLASS — A Galeria Paulo Prado (rua Alcides Barbosa, 53) promove a primeira mostra individual de pinturas de Jair Glass. São 90 quadros, nos quais o artista utilizou técnicas mistas. Até o fim do mês.

EDITH BERBYK — Em sua primeira mostra individual, desenhos e colagens, a artista explora uma temática infantil. Edith Berbyk é formada em artes plásticas e já participou de mostras coletivas, apresentando agora seus trabalhos, cerca de 20, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (rua Bento Freitas, 306 — mezanino). De segunda a sexta-feira, das 18 às 22 horas — quarta e sexta, desde às 14 horas.

Dois artistas na Bonfiglioli

Gravuras, esculturas e serigrafias compõem a mostra que a Galeria de Arte Alberto Bonfiglioli inaugura quinta-feira, reunindo os artistas plásticos Romildo Paiva e Massuo Nakakubo. Romildo vai expor 24 gravuras e esculturas em madeira, enquanto Nakakubo selecionou 16 de suas serigrafias para essa mostra.

Romildo Paiva é paulista de São João da Boa Vista, tem 43 anos. É um autodidata que, desde 1970, se dedica profissionalmente à arte. Pouco antes, decidiu até mesmo trabalhar como impressor de gravuras no antigo Núcleo de Gravadores de São Paulo, com a intenção de penetrar os segredos da expressão artística. Estudou, pesquisou, finalmente começou a realizar o seu próprio trabalho. Recebeu prêmios, participou de várias mostras. Sobre a atual exposição, afirma que é resultado de uma interrupção da temática que vinha pesquisando, o que ocorreu em 1978. "Essa mostra vai refletir muito o meu eu. Dessa interrupção resultou um trabalho que é muito a expressão dos meus medos, minhas inseguranças. É uma série de gravuras em que expresso mais ou menos uma visão noturna da paisagem indefinida, uma paisagem qualquer." As esculturas, por sua vez, fazem parte de uma proposta "de mostrar em forma espacial o que executo nas gravuras".

Também autodidata. Também 43 anos, o paulistano Nakakubo realizou seus primeiros desenhos em 1966 — nanquim sobre papel. Desenhos abstratos, informais, por vezes gestuais ou líricos. Só em 1970 começou a fazer serigrafias, valendo-se do conhecimento da técnica com silk screen, no exercício de outra atividade. Daí em diante, sempre num processo de evolução constante e busca de aprimorar a técnica em função do que queria expressar, o artista chegou à série de serigrafias que expõe agora: "Elas fazem parte de um trabalho iniciado em 1980, como segmento de pesquisa começada no ano anterior. Sugerem formas em planos diferentes, tridimensionais; e a inclusão da representação gráfica da sombra, projetada nos vários planos, reforçam a sugestão do relevo, dando ao espectador, ainda, a idéia da localização da fonte de luz (imaginária, naturalmente), assim como sua qualidade e quantidade".

A exposição fica aberta até 11 de julho na Galeria Bonfiglioli (r. Augusta, 2985), das 14 às 20 horas nos dias úteis e das 10 às 14 horas aos sábados.

"Festa do Divino", manifestação comum a várias cidades de SP

"Festa do Divino", a maior festa folclórica de Parati

De regional do LITORAL NORTE

A "Festa do Divino", comemorada neste último domingo, é o maior acontecimento religioso e folclórico de Parati — cidade fluminense situada a meio caminho entre Rio e São Paulo, pela BR-101, e, segundo técnicos da Unesco, principal conjunto arquitetônico do século XVIII ainda preservado no País. O município de Paratí tem 917 quilômetros quadrados, mais da metade dos quais cobertos por florestas que ficaram naturalmente preservadas devido às escarpas da Serra do Mar, que dificultaram a penetração do elemento de fora. Somente em 1956 a estrada de rodagem chegava a esse município do Estado do Rio, ligando-o a Cunha e Guaratinguetá.

Devido ao isolamento a que a cidade ficou confinada — foi descoberta pelo turismo na década de 60 —, a população de Paratí conseguiu preservar muitas de suas manifestações culturais. Para Osvaldo Oliveira Moreira, do Departamento de Cultura e Turismo da Prefeitura de Paratí, a mais importante destas manifestações culturais e populares é a "Festa do Divino Espírito Santo".

Essa festa é sempre comemorada 50 dias depois da Páscoa e já faz parte do calendário turístico da Flumitur. Durante a novena, os devotos do "Divino" se preparam rezando cada noite numa casa, geralmente de alguém que está pagando promessa. Nesta peregrinação de casa em casa, a bandeira do "Divino" está sempre presente. Todas as noites as orações terminam na Igreja Matriz, quando finalmente a banda de música da cidade toma parte das comemorações ao "Divino Espírito Santo"

Mas o grande acontecimento é o dia da festa. As seis horas da manhã, a alvorada na cidade tem a participação da fanfarra. Duas procissões — uma pela manhã e outra à tarde — percorrem as ruas de Paratí, arrecadando donativos para a festa que acontece à noite e é aberta a toda a população. Neste último domingo, três grupos folclóricos do município se apresentaram em praça pública, contribuindo para a "Festa do Divino": o Grupo do Bumba-Meu-Boi, composto por pessoas da cidade; o Grupo da Fazenda Barra Grande, que apresentou a "marrapaiá", dança originária de Moçambique, trazida a Paratí por grupos folclóricos da cidade de Cunha. Também a população de Taritiuba, vila situada ao Norte do município, apresentou a dança "Xiba Catereté", de origem portuguesa.

A "Festa do Divino Espírito Santo" teve origem em Portugal, quando a rainha Isabel mandou construir uma igreja para o Espírito Santo, em Alenquer. Vinda para o Brasil com os colonizadores, a "Festa do Divino", em Paratí, é tida como uma das formas de expressão mais puras desta festa em todo o País, justamente devido ao isolamento geográfico a que ficou confinado o município. Essa festa é presidida por um imperador, que antes era escolhido entre os homens honestos da cidade, sendo que agora a escolha recai sobre uma das crianças de Paratí. O auge da demonstração do poder do imperador ocorreu — como acontece todos os anos — quando, ao meio-dia, ele e seu séquito de vassalos soltaram um preso da cadeia pública.

Em todas as manifestações religiosas da "Festa do Divino", a bandeira vermelha, com uma pomba branca, símbolo do "Espírito Santo", está presente. E se para muitos turistas que acorreram a Paratí, no último domingo, apesar do mau tempo e do frio, essa festa é uma manifestação folclórica da população do município, para os devotos do "Divino" ela representa muito mais que isso. Para eles essa festa é a oportunidade que possuem para manifestar a sua fé, simples e ingênua. Segundo Osvaldo Oliveira Moreira, preservá-la é mais um desafio que a população de Paratí — cidade constituída monumento nacional desde 1966 — tem de enfrentar.

Metrô de Paris promove a arte

PARIS — Com a intenção de dar "vida" ao espaço subterrâneo por onde circula o metrô e, sobretudo, às estações, artistas de várias origens começaram em Paris — cidade que possui uma das melhores malhas metroviárias do mundo — uma série de espetáculos de dança, música, teatro e mostras de artes visuais para os quatro milhões de pessoas que utilizam diariamente esse meio de transporte.

Foi por iniciativa da Empresa Autônoma de Transportes Parisienses que se organizou essa operação, denominada Artmetro, com a finalidade de humanizar esse transporte coletivo de Paris, oferecendo a seus usuários os frutos da própria cultura francesa e também da cultura universal. A meta é surpreender, provocar reações, sensibilizar as pessoas, informá-las sobre as mais variadas tendências artísticas. Desde o cartaz — uma Vênus de Milo e a frase "A Arte no Metrô" —, na entrada das estações, há um enorme cartaz dizendo que o "artista se compromete a fazer o percurso com os interessados, para responder a possíveis perguntas", tudo foi montado de maneira a que o público não passe alheio ao que está acontecendo.

Na estação Odéon (no Quartier hôtin de Paris), por exemplo, um artista se entrega à tarefa de pintar torrentes nos corredores. Para isso, muita água e um pouco de tinta. Segundo os organizadores da Artmetro tudo é válido para estabelecer uma comunicação com os passageiros e até entre eles mesmos. Além disso, também se organizaram debates livres, que provocam diversas reações: a dos céticos, a dos entusiastas e a dos reticentes. Os primeiros seguem crendo que "o metrô foi, e e será um espaço de transição, que em nada será alterado com a presença de artistas". Entre os entusiastas se encontra um jovem vendedor ambulante, que confessou não estar muito preocupado com arte, mas ficou surpreso com um debate numa das estações e acabou até participando. Para os que não querem, no entanto, entrar em muitos detalhes, as discussões "subterrâneas" estão muito "politizadas", e só.

Criticada ou não, a iniciativa vai até premiar os melhores artistas que haverem ou ainda farão espetáculos ou exposições no Metrô.

ESCRETE DO RÁDIO E SELEÇÃO DE NOVOS: A FORÇA JOVEM DO BRASIL EM TOULON.

Hoje - 15:00 h
BRASIL x URSS
ESCRETE DO RÁDIO
Narração: Ernio Rodrigues
Comentários: Edgard de Melo Filho
Q. G. de Esportes: Paulo Edson
A RÁDIO DA COPA
840 KHz RÁDIO BANDEIRANTES
Rádio e Central de Rádio
Patrocínio: Minidel PRODUTOS ALIMENTÍCIOS S.A. BRADESCO Suplativo SANTA INÊS PALHINHA O CONDIMENTO DAS MULTIDÕES

instituto Moreira Salles